Centro
de Referência
Paulo Freire

Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire

acervo.paulofreire.org

InstitutoPauloFreire

FBF_PTBF_01-0215

POLIFONIA

Algumas teses tiradas das múltiplas leituras do mestre

Ângela Antunes Ciseski
Moacir Gadotti
Paulo Roberto Padilha
Sônia Couto

Este artigo reúne algumas teses apresentadas durante o Simpósio Paulo Freire, realizado em Vitória, Espírito Santo, entre os dias 4 e 6 de setembro de 1996. Foi o último grande simpósio internacional sobre o pensamento de Paulo Freire ao qual ele compareceu, tendo contado com mais de mil inscritos. A síntese das teses apresentada a seguir pode servir tanto aos que desejam ter uma visão ampla da obra de Paulo Freire como àqueles que, já conhecendo seu conteúdo, desejam aprofundar-se na análise de sua extensão e complexidade. O simpósio teve como expositores, pela ordem, Moacir Gadotti, Luíz Eduardo Wanderley, Pedro Pontual, Pablo Gentili, Balduíno A. Andreola, Rosa Maria Torres, Osmar Fávero, Ana Maria do Vale, José Eustáquio Romão e Célia Frazão Linhares. Paulo Freire encerrou o evento.

O Simpósio

Por que um Simpósio Paulo Freire? Essa questão foi debatida na abertura do Simpósio. Foi dito que Paulo Freire marcou uma ruptura na história pedagógica brasileira. Ele rompeu radicalmente com a educação elitista e se comprometeu com os homens e mulheres concretos. Num contexto de massificação, de desarticulação da escola com a sociedade, de exclusão, Paulo Freire se torna mais atual ainda ao anunciar e ao construir um projeto educacional radicalmente democrático e instigante. O Simpósio Paulo Freire, organizado pelo Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, pelo Centro Comunitário Pedagógico do Espírito Santo (CECOPES) e pelo Instituto Paulo Freire (IPF), não teve o sentido de uma homenagem a um pedagogo que deixou um legado que já ficou no passado, uma homenagem a alguém que "já era"; ele se constituiu num momento sistematizado de debate sobre o pensamento e a obra de Paulo Freire, que foi, é e continuará sendo um marco na pedagogia brasileira e mundial.

Da primeira intervenção - Moacir Gadotti falando sobre *"A práxis político-pedagógica de Paulo Freire no contexto educacional brasileiro"* - destacamos oito teses:

1ª - O construtivismo freireano vai além da pesquisa e da tematização (Piaget): a terceira etapa do seu método - a problematização - supõe a ação transformadora.
2ª - O êxito no processo de alfabetização depende muito menos das técnicas utilizadas do que da capacidade do alfabetizador de caminhar junto com o alfabetizando.
3ª - A teoria do conhecimento de Paulo Freire teve tão grande repercussão porque ela dá dignidade ao aluno: o professor é também um aprendiz.
4ª - A interdisciplinariedade freireana não é apenas um método pedagógico ou uma atitude do professor: é uma exigência da própria natureza do ato pedagógico.
5ª - Os temas desenvolvidos por Paulo Freire nas suas últimas obras sugerem a emergência de uma pedagogia do desenvolvimento sustentável ou ecopedagógica.
6ª - O futuro do pensamento freireano está ligado ao futuro da educação popular, à sua reconceituação ou "reaprendizado" na pós-modernidade. A educação popular é um movimento dinâmico e tem passado por vários momentos.
7ª - O sonho de Paulo Freire foi unir as pessoas numa sociedade de iguais. Para isso é preciso desburocratizar o conhecimento e trabalhar mais com vínculos, com as relações interpessoais.
8ª - O conflito é o motor da história, e o diálogo é a arma fundamental para a superação do conflito.

Da intervenção de Luís Eduardo Wanderley e de Pedro Pontual, falando sobre *"A influência de Paulo Freire nas formulações da educação popular"*, destacamos as seguintes teses:

1ª - Além das primeiras categorias que Paulo Freire utilizou - como "opressor-oprimido" - encontramos outras como a categoria "excluídos". É preciso mudar o conteúdo e a metodologia da educação popular, adequando-os à nova realidade dos "excluídos".
2ª - Segundo Paulo Freire, é importante reconhecer a existência da luta de classes para uma melhor compreensão do processo pedagógico.
3ª - A educação popular precisa levar em consideração o meio tecnológico no qual estamos inseridos. Por exemplo, quem está formando hoje o imaginário popular é a mídia ("candidatos

virtuais": o candidato não tem programa, nem história; a imagem fala por ele). Se não atingir a mídia, a educação popular "está por fora".
4ª - *Concertación*, uma nova palavra em espanhol que conota a necessidade de nos confrontarmos com a realidade de hoje, através de "pactos": necessidade de construir consensos, alianças no seio dos movimentos populares - a obra de Paulo Freire nos ajuda a entender esse novo tempo.
5ª - A obra de Paulo Freire pode ser vista a partir de seis idéias-força: 1ª - pelo alargamento do conceito do educativo (para além da educação estritamente escolar); 2ª - pela politicidade inerente à educação; 3ª - pelo conhecimento dos limites da prática educativa; 4ª - pela construção de uma nova cultura política; 5ª - pelo princípio da gestão democrática; 6ª - por uma pedagogia da pergunta.

Pablo Gentili, falando sobre *"As idéias de Paulo Freire e o processo de democratização da educação e da sociedade"*, apresentou oito teses:

1ª - A pedagogia da esperança é a pedagogia que se opõe à pedagogia da exclusão dos governos neoliberais latino-americanos.
2ª - Segundo Paulo Freire, o diagnóstico neoliberal é ideológico: ele cria um senso comum, um imaginário social de que não existe outra resposta (subjetividades). Torna-se uma forma natural de entender a escola.
3ª - Paulo Freire está contribuindo na construção de outras subjetividades contra o tecnicismo da proposta neoliberal. Paulo Freire pensa politicamente o tecnicismo pedagógico.
4ª - A questão é saber se estamos pensando a educação a partir dos vencidos ou dos vencedores: a pedagogia da esperança só interessa aos vencidos.
5ª - A construção da pedagogia da esperança não é um problema técnico. É um problema ideológico que implica a construção de uma subjetividade democrática.
6ª - O neoliberalismo consegue naturalizar a desigualdade. Por isso, Paulo Freire chama nossa atenção para a necessidade de observarmos o processo de construção da subjetividade democrática, mostrando, ao contrário, que a desigualdade não é natural. É preciso aguçar nossa capacidade de estranhamento.
7ª - Paulo Freire considera necessária a politicidade do processo pedagógico, uma vez que os problemas educacionais não são apenas técnicos nem apenas pedagógicos: são também políticos e econômicos. O neoliberalismo tenta ressignificar o caráter político da educação, propondo uma repolitização favorável aos setores do poder. Conforme Paulo Freire, há que se pensar a educação na perspectiva das classes populares.
8ª - Devemos construir nossa filosofia da igualdade e desnaturalizar a desigualdade, pensando-a com o reconhecimento da diversidade, o que dá sentido à pedagogia da esperança.

Da intervenção de Balduíno A. Andreola, falando sobre *"Os pressupostos teórico-filosóficos do pensamento de Paulo Freire: o projeto político-pedagógico formulado na pedagogia libertadora"*, destacamos oito teses:

1ª - A obra de Paulo Freire é muito maior do que uma obra acadêmica: "o coração está no centro do conhecimento".
2ª - O diálogo em Paulo Freire é uma exigência ontológica. O diálogo das culturas é uma exigência fundamental não só para o ser humano mas entre grupos de pessoas e nações. Por isso Paulo Freire se preocupa em escrever sempre menos com a linguagem dos intelectuais e sempre mais com a linguagem do povo.
3ª - Paulo Freire defende uma nova modernidade: racionalidade molhada de afetividade.
4ª - Há pensamentos que incomodam um certo tempo e depois se acomodam. O pensamento de Paulo Freire continua sempre incomodando: por isso se mantém sempre atual.
5ª - Ernani Fiori: "Paulo Freire jamais esqueceu a paixão pelos seus sonhos".
6ª - A radicalidade de Freire decorre da fé na capacidade que o ser humano tem de superar suas dificuldades, seus limites. É um compromisso de trabalhar junto, de definir coletivamente os projetos.
7ª - O poder que está aí não é para ser conquistado, participado ou distribuído: é para ser reinventado. Paulo Freire nos indica qual é o papel dos educadores na reinvenção do poder: reinventar a educação reinventando a política. Estamos na contramão da cultura dominante e não na contramão da história. O poder é delegado do povo, que tem o poder.
8ª - A obra de Paulo Freire se aproxima do estético, do epistemológico e do social. É preciso reinventar um conhecimento que tenha feições de beleza.

Rosa Maria Torres e Osmar Fávero falaram sobre *"Paulo Freire e a alfabetização"*.

Eis as teses de Rosa Maria Torres:

1ª - Polissemia de Paulo Freire - Paulo Freire é um cidadão do mundo. Sua obra é capaz de gerar múltiplas leituras. Sua fala e sua escrita geram diferentes interpretações nos diferentes lugares.
2ª - Paulo Freire não desenvolveu novas técnicas de alfabetização, não se preocupou só com o desenvolvimento da língua escrita nos adultos. Entre outros temas, ele se preocupou com as relações entre professor e aluno e com a consciência crítica.
3ª - Para dar prioridade ao atendimento à educação infantil é necessário que haja a educação de adultos - dos pais de família - para que possam colaborar com os professores. Daí também a importância de Paulo Freire. A educação infantil e a de adultos devem ser "intercambiadas".
4ª- O analfabetismo é "inerradicável", pois o analfabeto não é uma praga; é uma condição social. Não se erradica o analfabetismo se não se erradica a pobreza.

Eis as teses de Osmar Fávero:

1ª - Paulo Freire foi o primeiro educador brasileiro a falar que o analfabetismo era um problema social. Para Paulo Freire, o analfabetismo é um problema social a ser resolvido por um profundo processo de mobilização social. E isso não foi até hoje assumido por nenhuma plataforma de governo federal.

2ª - O II Congresso Nacional de Educação de Adultos (Rio de Janeiro, 1958) foi o ponto de partida que deu origem aos movimentos populares no Brasil.
3ª - Na sociedade fechada, o homem tinha uma consciência mágica. Na sociedade em trânsito, a consciência era transitivo-ingênua. Da consciência transitivo-ingênua para a consciência crítica gera-se a conscientização: um processo educativo, um movimento de práxis, uma prática refletida. Daí se tem um novo movimento: politização. Não significa a educação tratar do tema político. Politização significa engajamento em grupos que visem à transformação social.
4ª - Angicos se contrapunha à experiência do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e da campanha "De pé no chão também se aprende a ler". Foi a primeira experiência sistematizada de alfabetização. Criou-se a Comissão de Cultura Popular. Palavra geradora: com riqueza existencial que devia refletir as necessidades lingüísticas para a alfabetização.
5ª - As reflexões do ISEB deram origem à formação de movimentos populares. Seu grande representante, Álvaro Vieira Pinto, preocupado com o tipo de homem que se deveria formar no país e com a consciência ingênua e crítica deste homem, influenciou Paulo Freire.

Ana Maria do Vale e José Eustáquio Romão falaram sobre "*Paulo Freire e a escola pública popular*". Eis suas principais teses:

1ª - A descentralização e a democratização dos espaços públicos implica a conscientização e a cidadania a partir da escola. A descentralização democrática implica autonomia: capacidade de decisão das escolas. Sem ela há apenas descentralização das tarefas.
2ª - Paulo Freire nos ensina que o papel da escola é fundamental na sociedade, mas não pode ser visto como alavanca principal para a resolução dos problemas sociais. Devemos, sim, caminhar no sentido da superação da escola pública burguesa.
3ª - Segundo Paulo Freire, ninguém caminha sem estar aprendendo a caminhar.
4ª - A escola pública popular implantada por Paulo Freire na Prefeitura Municipal de São Paulo rompeu com a tradição de que só a elite é competente para governar.
5ª - Paulo Freire exerceu duas funções básicas na Prefeitura Municipal de São Paulo: uma simbólica e outra real. Enquanto função simbólica, Paulo Freire considerou que a escola deve ser o canal do resgate científico de expressão da cultura popular, que a escola pública deve ser o espaço de organização das reflexões sobre as determinações sociais e que essa escola deve ter uma função insurrecional, ou seja, deve ser espaço de organização política das classes populares e instrumento de luta contra-hegemônica. Enquanto função real, Paulo Freire demonstrou a necessidade de diminuir a distância entre a "pedra e a vidraça", tentou superar a expectativa dos 37.000 professores e ensinou como dar o salto da teoria para a prática, propondo uma gestão verdadeiramente democrática da escola e da própria Secretaria Municipal de Educação.
6ª - Paulo Freire não saiu da Secretaria Municipal de Educação porque tivesse fracassado, mas porque via sua tarefa - simbólica e prática - terminada: "saiu sem sair".

Da intervenção de Célia Frazão Linhares, falando sobre "*O pensamento pedagógico crítico no Brasil: a presença de Paulo Freire*", destacamos quatro teses:

1ª - O pensamento de Paulo Freire representa a afirmação da polifonia contra os controladores de uma voz única.
2ª - A obra de Paulo Freire transborda das letras porque retorna para seus verdadeiros donos: os oprimidos, os que com ela sempre sonharam. Ela transforma a fraqueza do oprimido em força, para que a força do opressor se transforme em fraqueza.
3ª - Paulo Freire parece ter compreendido desde muito cedo que as universidades, com seu academicismo, com suas lutas internas pelo poder e controle do conhecimento, revelam-se, com freqüência, como espaços estreitados, onde o pensamento criador enfrenta sérios problemas.
4ª - Convivemos, de um lado, com a ênfase nas celebrações, homenagens e festas dirigidas à obra de Paulo Freire; de outro, com o represamento disfarçado da adesão à sua pedagogia, que, bem sabemos, está longe de ter o espaço que lhe é devido nos currículos universitários e nos próprios cursos de formação de professores.

Finalmente, o Simpósio foi encerrado com as palavras de Paulo Freire. Entre outras questões ele levantou:

1ª - Uma das coisas que nos agradam é saber, em vida, que a gente existe. Eu sou discutido, recriado, distorcido e lembrado. O trágico é passar pela vida sem ser torcido e distorcido.
2ª - Precisamos ter cuidado com a anestesia da ideologia neoliberal: ela é fatalista, vive de um discurso fatalista. Mas não há nenhuma realidade senhora dela mesma. O neoliberalismo age como se a globalização fosse uma realidade definitiva e não uma categoria histórica.
3ª - Eu sou profundamente um adivinhador, muito intuitivo. Contudo, meu esforço é não ficar no achado de minhas intuições, mas submetê-las ao crivo da rigorosidade.
4ª - Toda a atividade democrática na escola implica que se vá além do conteúdo. Não podemos enganar a curiosidade dos alunos.
5ª - Eu fui um menino conectivo, conjuntivo, entre a classe média e a popular.
6ª - O educador não tem por que esconder suas opções políticas.

Cabe lembrar ainda que o primeiro curso sobre o pensamento de Paulo Freire oferecido na Universidade de São Paulo foi uma disciplina eletiva do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação. O Professor Moacir Gadotti havia proposto essa disciplina em 1994, mas ela só foi oferecida no segundo semestre de 1996. Neste curso foi feita a leitura e discussão da obra mais completa existente sobre Paulo Freire - *Paulo Freire: uma Biobibliografia* -, que havia saído naquele ano.

Ângela Antunes Ciseski,
Moacir Gadotti,
Paulo Roberto Padilha e
Sônia Couto
são membros do Instituto Paulo Freire, SP